



© Armanda Duarte

Armanda Duarte: imagem do convite da exposição, “Desculpa, grilo, roubei a tua casinha”, Galeria Caroline Pagès, Lisboa, Setembro 2012.

Divisão, trabalho e proporção.

No trabalho de Armanda Duarte encontramos frequentemente sinais de um compromisso entre o objecto que reconhecemos e esse mesmo objecto como um outro, sujeito a uma prática artística sistemática, metódica e austera. Por vezes, essa sensação de austeridade reside em acções, cujo resultado tem uma aparência simples ou despojada, que a artista desenvolve como uma tarefa que tem um objectivo preciso, ao qual subjaz uma articulação muito estreita entre o seu pensamento e a relação deste com o significado dos objectos e as qualidades dos materiais de que são compostos, evidenciando uma necessidade decorrente de os manusear e transformar.

Esta prática, presente em peças como *Action Line* (1999) ou *Meio Caminho* (2009), por exemplo, é uma linha constante e estruturante da sua obra, no sentido em que todo o trabalho tem uma densidade poética e conceptual muito forte, contudo reduzida ao essencial e apartada de dispositivos ou artifícios que não sejam absolutamente necessários à obra que nos confronta. Por outro lado, os materiais utilizados denunciam a fragilidade aparente da manufactura e conferem à exposição uma memória da experiência do *atelier*, permitindo-nos trespassar a condição, por vezes exaltada, da exposição como um lugar atípico e incondicionalmente distante das relações que o espectador pode construir a partir da obra de arte.

Nesta exposição, intitulada “Desculpa grilo, roubei a tua casinha”, Armanda Duarte apresenta um conjunto de trabalhos orientados segundo uma razão proporcional (e métrica) de origem matemática, que conduz a sua pesquisa e conseqüente actividade recolectora, bem como os procedimentos e decisões que constituem todo o processo de trabalho. Alguns dos títulos das obras expostas são exemplificativos deste mesmo processo: “peso líquido”, “peso escorrido” ou “cópia de um prato raso”. Nesta última, a artista duplica um prato de faiança sobre tecido de algodão. A peça final resulta de uma moldagem que adquire a forma original do objecto doméstico e é assumida como um desenho de modelo, numa prática que se refere ao “desenho à vista”. Nos dois outros exemplos apresentados, a noção de peso convoca em primeiro lugar uma actividade doméstica e quotidiana, reforçada pelo facto de os materiais (feijões, laranjas, latas de conserva, etc.) serem habitualmente usados nesse contexto. Tanto “peso líquido” como “peso escorrido” vão buscar o nome e peso às indicações inscritas nas embalagens que antes os continham. Acresce a este sistema de relações o uso da cor, como por exemplo o pó de pedra com tonalidades avermelhadas, próximas da cor do feijão encarnado, produto de procura e recolha no espaço exterior e de uma acção (uma tarefa) física continuada e repetida até esmagar a pedra por completo, transformando-a em pó, recuperando assim a manufactura artesanal empregue noutras práticas mais antigas, como a preparação de um pigmento.

Seguindo a mesma metodologia, Armanda Duarte mostra um monte de terra sobre um plástico aberto. Esta obra, intitulada “Abertura”, resulta da planificação do saco de plástico que continha toda a terra que podemos observar, e confronta-nos de forma surpreendente com uma situação definitivamente ilusória, no sentido em que desconstrói a noção de medida, volume ou equivalência, alterando a partir da nossa percepção modelos e cânones que apreendemos. Contudo, a artista toma como ponto de partida acções e práticas comuns, sem perder de vista uma forte componente poética e uma noção, quase física, do desenho como modulador do pensamento e da prática artística.

O título desta exposição é a pedra de toque que nos põe à prova perante a desconstrução e inversão de um universo próximo e familiar, que de súbito parece desaparecer do universo das nossas convicções.

João Silvério

Setembro 2012